

Kiscos que rondam o governo

Reportagem publicada em nossa edição do último domingo revela em detalhes, sob o título "O poder dos amigos no governo do País", como o presidente José Sarney vai assumindo o controle do Executivo, depois de proclamar: "Em minhas mãos, o poder civil não definhará". Atribui-se a Luiz XIV a frase famosa "L'État c'est moi", a qual, segundo historiadores de peso, ele jamais pronunciou. Fica, porém, a versão que, de tão antiga e repetida, substitui a verdade. Seria bom, aqui, se s. exa., ocupando o Palácio do Planalto desde 15 de março, portanto há quase seis meses, pudesse comunicar: "O governo sou eu". Afinal, ele exercita o poder em regime presidencialista, aquele em que, de acordo com a lição de Alberdi, o chefe de Estado imprime aos acontecimentos a marca de sua individualidade. A responsabilidade do sr. José Sarney cresce na medida em que, por distorções geradas sobretudo na prática das instituições, ocorreu uma hipertrofia do Executivo, em cujo âmbito se enfeixam decisões de magna importância, entre muitas outras, que não terão o mesmo gabarito mas, seja como for, incumbem adotar, a fim de levar adiante o dia-a-dia da administração pública.

Se o presidente ainda não teve tempo de exibir por inteiro sua individualidade, começa a revelá-la na forma *sui generis* por que se vão coordenando as decisões palacianas. Existe no Planalto hoje a equipe de assessores, os *marimbondos*, que constituem uma espécie de superministério, a desfrutar

a intimidade do primeiro mandatário e influir fortemente nas atitudes que toma. Trata-se de um círculo estreito, cujos integrantes dispõem de confiança total, a começar pela filha, Roseana, formada em Ciências Sociais, e pelo genro, Jorge Murad, este portador de experiência administrativa adquirida no desempenho de funções de confiança na Novacap e na Caixa Econômica Federal. Experiência reduzida, pois. Em junho passado, em entrevista que estava fadada a alcançar repercussão, Roseana fez saber: "Sempre frequentei o Congresso desde que passei a viver em Brasília e, apesar de meu pai ter sido da Arena e depois do PDS, tive naquela época um bom relacionamento com a oposição. É claro que quando meu pai estava no PDS eu me sentia um pouco inibida para ampliar esse tipo de contato. A partir do momento em que ele rompeu com o PDS e se aliou a Tancredo Neves, eu mergulhei de cabeça, e aquilo que era apenas um bom relacionamento virou um trabalho sério".

Em seguida, ela informa: "Não me considero uma pessoa de esquerda, mas há pontos em comum. Na área política eu me preocupo principalmente com as questões sociais. Nisso, creio, estamos de acordo (...), passei a trocar idéias com todos os segmentos da esquerda e, a partir daí, surgiu um diálogo sério e aberto". Percebe-se um equívoco evidente no pensamento expresso nas palavras transcritas. A preocupação com as questões sociais não chega a ser privilégio da esquerda; há de ser, sim, comum a quantos brasileiros, marca-

dos pelo ideal democrático, anseiem por um regime apto a encurtar caminho para um futuro melhor, mais próspero, mais digno, mais justo, mais humano; ou, resumindo, mais cristão. Outro equívoco: nem todos os segmentos da esquerda mereceriam talvez atenção idêntica. Que têm a dizer, por exemplo, à jovem filha do sr. Sarney, os setores radicais, extremados, condenados a carregar o peso de uma ideologia responsável pelo desencadeamento do totalitarismo imperialista que representa para o mundo, nestes dias, ameaça só comparável à de que se cercou a expansão do monstro nazi-fascista?

A observação a olho nu dos acontecimentos que se sucedem no círculo mais restrito do poder indica que o prestígio dos *marimbondos* é enorme. Na substituição do ministro Francisco Dornelles, precisamente o auxiliar em quem Tancredo Neves depositava maior confiança, preponderaram ainda as opiniões do assessor econômico, Luiz Paulo Rosenberg, e do assessor de imprensa, Fernando César Mesquita. Esse fato dá a medida exata do risco que corre o presidente da República, de isolar-se, cerrando ouvidos a vozes que poderiam mostrar-lhe com despreendimento outras faces da realidade multifforme da qual lhe cumpriria tomar conhecimento, alertado para a conveniência de reunir o maior número possível de dados suscetíveis de possibilitar-lhe a visão simultaneamente abrangente e profunda dos assuntos que lhe são submetidos — sendo impossível, não raro, dissociar muitos deles de

polêmicas e controvérsias cuja repercussão ninguém de bom senso subestimará.

Seria tentar esconder a realidade omitir deste comentário as consequências do impacto de amizades que se abatem sobre o presidente, dedicadas por alguns íntimos que — justiça se lhes faça — nunca deixaram de apostar na estrela de s. exa., mesmo quando tudo fazia crer que ela deixaria de brilhar. A preservação do bem comum recomendaria ao sr. José Sarney que andasse prevenido contra uma *copa* de fiéis e jamais confundisse solicitações que lhe fossem dirigidas de lá com satisfação de interesses meramente neutros, despidos de inconvenientes para a imagem do governo que encabeça. Se ele, inadvertidamente, contemplar algum desses íntimos com qualquer decisão capaz de encobrir um *negócio especial*, comprometerá irremediavelmente o ideal de impedir que defina o poder civil, sobre o qual se voltam mil olhos, de toda parte, prontos a acusá-lo por ações fundadas em propósitos de má fé, fraude ou dolo. Em tais circunstâncias, não fará mal ao presidente seguir o conselho muito mineiro, que se traduz em duas palavras: confiar, desconfiando.

Todos os democratas sinceros querem que ele se saia a contento da árdua missão que recebeu, evitando pisar nas inúmeras cascas de banana jogadas em seu caminho, muitas vezes por aproveitadores encapuzados ou por maus amigos que o combatem, colocando-se com ele ombro a ombro.